

O IMPÉRIO DO FIM



COMPANHIA DAS LETRAS

HUGO GONÇALVES

I

O fogo arde nas cubatas de uma sanzala em Muiepa e num autocarro elétrico na Margem Sul do Tejo. O fogo arde nas balas disparadas para o céu da baía de Luanda, na noite da independência, e nas pupilas de Cosme, que refletem as labaredas transmitidas pelos canais de notícias ao longo de toda a madrugada. O fogo arde dentro do aparelho a cores na sala de Cosme, e lá fora, no bairro de janelas desencaixilhadas com vista para as traseiras de lado nenhum. O fogo arde em décadas e hemisférios diferentes. Mesmo quando já amanhece, e na rua só restam automóveis calcinados, as chamas continuam a ser regurgitadas na televisão e no ecrã do telefone de Cosme, um círculo de fogo posto que ajuda a carburar os insultos nas redes sociais e que tanto imola a Polícia como os moradores, disseminando vídeos de motins e de pilhagens gravados noutros países, mas publicados como se estivessem a acontecer naquele preciso momento nos subúrbios de Lisboa.

«Como é que isto começou?», questiona uma repórter televisiva.

Cosme responde-lhe como se ela estivesse ali sentada, no couro gretado de um sofá que já foi de família.

O meu pai mergulhou num riacho do Minho, e eu vim à tona no mar africano. Levei as divisas nos ombros quando fui defender a pátria, a bordo de um navio transatlântico, para regressar sem nada num barco de pesca. Vi-me livre dos turras que me queriam matar, e agora eles voltaram para acabar o serviço, ainda há pouco entrou

por aqui adentro um preto a pedir satisfações. Para quê escarafunchar na ferida, se já é cicatriz? O que querem de mim? Não chega o que lá deixei?

Cosme aponta a pistola Tokarev à televisão, e a repórter dirige o microfone para a velha debruçada no peitoril de um rés do chão:

«A senhora tem medo de sair de casa?»

«Ó filha, o que eu tenho é varizes e uma reforma de miséria.»

O fogo volta a estralejar no ecrã, derrete as barricadas de pneus e caixotes do lixo. Envolto no papel de embrulho do *napalm*, o fogo converte o capim africano em cinza e infiltra-se pelas ranhuras da persiana da casa de Cosme. No epicentro do telefone, na sua mão, ergue-se uma coluna de fumo e a cacofonia dos factoides, dos especialistas encartados, dos leigos rancorosos e dos números oficiais de uma intemporal noite de motins: dois polícias e sete moradores feridos, milhares de mortos e estropiados na Guerra Colonial, Ultramarina, de Libertação, milhões de escravos embarcados em Cabinda, Luanda ou Benguela.

Cosme levanta a persiana e vê os panfletos da ação psicossocial lançados pela Força Aérea Portuguesa, ouve o altifalante do Exército, que seduz os indígenas nas suas línguas nativas, e em Luanda o rádio da casa dos pais emite o relato da final da Taça dos Campeões, 1962, dois golos do Pantera Negra, seu ídolo de infância, cujo funeral ele viu no mesmo ecrã que arde como a explosão que arrancou os braços ao soldado Neves.

Cosme desliga a televisão, esquece o telefone, larga a pistola na caixa de ferramentas onde guarda o armamento que trouxe de África. Há uma urgência no repentino silêncio da manhã, falta alguma coisa que não se resolve com o palpar

os bolsos em busca de uma chave transviada. Talvez precise de outra época, outra longitude.

«Quando é que isto acaba?», pergunta a repórter, no ecrã apagado, mas ele já vai a meio das escadas, pegajoso de calor e maresia tropical, seguro de que, em menos de nada, os tur-ras, os pretos, os libertadores voltam a interromper a trégua e recomeçam a batalha pelos despojos dos colonos em deban-dada. Há um miúdo em perigo, e Cosme abre a porta do prédio, nos arrabaldes da capital do Império, saindo a correr para uma rua-fantasma, cinquenta anos antes, numa cidade litoral das colónias.

Por mais que a luz e o oceano fossem os mesmos de sempre, o fumo lembrava-lhe os anos no mato. Nunca a pólvora queimada tinha pairado nos bairros ou nas praias dos colonos, só que agora os negros mandavam na guerra e os brancos fechavam-se em casa, alguns com armas, a fazer tiro ao preto das janelas mais altas dos prédios — ou seriam os negros que disparavam, assim que viam um colono à solta pela cidade? Difícil era confirmar todos os boatos que chegavam a Cosme pelo telefone — a violação da europeia, a pilhagem da quitanda, o sequestro do empresário, a execução do fazendeiro —, até que a campainha tocou e o mainato do vizinho, pendurado no portão, esbracejava certezas em vez de rumores:

«Levaram o Paulinho.»

Cosme saiu de casa desarmado. Ponderou, por uma fração de segundo, se ligaria ao capitão da tropa portuguesa, mas uma fração de segundo era aquilo que tardava um dedo no gatilho, e, desde que o acordo de independência fora assinado, a tropa portuguesa tinha de escolher bem as suas missões, escusando-se com a neutralidade enquanto esperava o regresso a casa.

Cosme desatou a correr. Depois dos tiroteios na cidade, durante a noite, o miúdo devia ter-se escapado e dali a nada estaria no lombo de um camião, com outros garotos, destinado a enrijar a batalha. Os três movimentos de libertação tinham as fileiras esgaçadas e faziam recrutamentos forçados. Já durante a guerra haviam sequestrado, nas sanzalas, os negros

que despejavam na frente de combate. No cinema, antes de um *western*, Cosme tinha visto o ministro da Guerra da FNLA, balofo, desdentado, com um bigode à Hitler, fugido no Congo, diante de um destacamento de meninos mal fardados. «Entre vós, já algum matou um branco?», questionava ele, reproduzindo em português a pergunta de um repórter francófono. «Sim, com uma catana», respondera um dos miúdos.

Na rua de Cosme, nem viva-vela, o mainato já se tinha enfiado no quintal do patrão, e, mais adiante, ao cruzar a avenida, nenhum carro em movimento, apenas as linhas de fuga que convergiam para a miragem do alcatrão a bruxulear de calor, a tinta branca no tronco das palmeiras, o metal dos candeeiros públicos, com os seus pescoços oblongos, numa permanente vénia. A cidade despovoada e pós-apocalíptica, como no livro *Mundo de vampiros*, número 48 da coleção Argonauta, de tal maneira lido e relido por Cosme, antes, durante e depois da guerra, que certas passagens soavam a profecia.

«Sou o último homem que existe sobre a Terra. Não sei quanto tempo resistirei. Todas as noites eles cercam a minha fortaleza, estes vampiros de um outro mundo, e eu posso ouvi-los gritar obscenidades.»

Uma rajada de três tiros picotou a lisura do dia, e um esquadrão de periquitos levantou voo contra o armistício das fações guerrilheiras durante o mormaço da tarde. Ninguém combatia àquela hora. Tratava-se, por isso, de um acidente, ou de uma execução. Cosme correu mais depressa e passou pelo pódio do sinaleiro, tombado e sem guarda-sol, passou pelas montras entaipadas ou destruídas das lojas, passou pelas cordilheiras de lixo e pelo braço que pendia da janela do condutor, num automóvel com o pára-brisas baleado, um braço tão morto e macilento, que, olhando-o de relance, não se poderia dizer se era negro ou

branco. Eis, pois, nesse braço, o *rigor mortis* da independência anunciada pelos capitães da Metrópole, que haviam arrumado com quase meio século de tirania; eis a concórdia prometida pelos movimentos de libertação quando entravam nas cidades após treze anos no mato.

Aos primeiros acordes da Revolução de Abril de 1974, Cosme quase dançara nas ruas da colónia com o povo e a sua mulher independentista. Conceição discutia Frantz Fanon em tertúlias e crescera no mato, com um pé na sanzala, jamais se importando que, chegada ao liceu da cidade, as colegas classifikassem os seus caracóis como «cabelo de preta», até porque nascera branca, loira, com olhos azuis. Cosme e Conceição tinham participado em comícios em que os delegados políticos garantiam paz e progresso para todos. Claro que os brancos mantinham as casas e os negócios. Mas, se os terroristas de ontem eram os libertadores de hoje, então, haveria reviravolta idêntica para os colonialistas exploradores das cantinas, para os criminosos do trabalho forçado, para as senhoras que enviavam os criados à palmatória do chefe de posto por causa de uma camisa estragada pelo ferro de engomar.

À custa de marisco e de cerveja, Cosme fizera amizade com um branco barbudo, do MPLA. A cada refeição, o delegado político agravava-lhe as inquietações com a quantidade de homens armados na cidade:

«Um acordozito de paz, assinado num hotel do Algarve, não vale um chavelho. A independência tem de ser guerreada.» O delegado chupava os miolos de uma gamba. «Desde que o Diogo Cão subiu o rio Congo, não houve meia dúzia de anos sem guerra. Os europeus ocupavam as terras e fodiam as pretas. Depois, a tribo dava cabo de uns quantos brancos, e lá ia o Exército ou uma milícia de colonos fazer a limpeza geral.»

Uma pausa para arrotar o gás da *Cuca* e dar fogo ao cigarro. «A guerra colonial? Só mais um capítulo.»

Várias patuscadas depois, o Governo angolano de transição colapsava, finando-se a paz decidida no tal papelito assinado no Alvor. Os três movimentos de libertação combatiam província a província, cidade a cidade, rua a rua. Em menos de nada, a frase «Eles são pretos, que se entendam» já não atestava a segurança dos brancos, que ouviam na rádio a lista dos desaparecimentos dos colonos. O sogro de Cosme, mandado parar numa barricada, passara três noites num calabouço, e tinham-lhe apreendido o carro. Começara a faltar pão, o comércio não abria portas, os autocarros ficavam nas garagens, as morteiradas eram mais frequentes do que o dobrar dos sinos das igrejas, não havia médicos para tratar tantos feridos.

«Vai na tua terra, branco de merda», diziam os indígenas, na cara dos colonos.

De todas as convenções invertidas, a mais chocante era que os negros ousassem fazer com as brancas aquilo que os brancos tinham feito com as negras. Cosme ouvira o bastante para proibir Conceição de sair à rua.

No último repasto, o delegado do MPLA cobrira a boca para palitar os dentes e esconder um alerta:

«Isto está mau. Põe-te mas é a andar.»

Voltaram a ouvir-se disparos na cidade ao abandono. Cosme virou a esquina e viu um negro montado na bicicleta de Paulinho, empunhando a metralhadora.

«Irmão», disse Cosme, que tinha conferenciado com sobas durante a guerra, interrogado terroristas, convertido prisioneiros em colaboradores.

O negro da metralhadora continuou a pedalar, fazendo círculos ao redor de Cosme.

«Venho buscar o meu filho.»

«Não tem teu filho aqui.»

«Essa é a bicicleta dele.»

O negro da metralhadora parou de pedalar:

«Aiuê, teu filho é preto?»

Na nesga que demorara a abrir e a fechar a porta da despensa para onde fora empurrado, Cosme tinha visto o filho e dois negros letárgicos, bem sovados, com as mãos amarradas atrás das costas, mais um teto esconso que não lhe permitia estar de pé.

Agora, Paulinho dormia, com a cabeça no colo do pai. Cosme afagava-lhe a carapinha, condoído e furibundo, porque, ao passar diante daquela casa, o filho recusara o pedido dos soldados para dar uma voltinha na bicicleta. Quando quiseram apreender o veículo, o miúdo rira-se com o mesmo desdém do avô branco a troçar do pretoguês dos empregados. Os guerreiros haviam tomado a insensatez do garoto por crime reacionário e Cosme estava num buraco sem janelas, que recendia a catinga, a mijo e a cascas de banana podres.

Quando abriram a porta, arrastando o pai e o filho até ao centro de uma sala sem móveis, para o início de um julgamento popular, a luz era macia, vermelha, equatorial, descambando no horizonte com a rapidez de um rastilho. Dali a nada seria noite, começariam as refregas entre os movimentos, talvez a casa estivesse no cálculo de azimute dos morteiros.

«Nome», gritou o negro da metralhadora.

Antes de Cosme abrir a boca, o filho soluçou:

«Paulo.» Pausa de medo. «Preto.»

«Quê?»

Da escola primária, em Luanda, à recruta para a tropa, na Metrópole, Cosme Preto lidara com o embaraço do seu sobrenome, jamais prevendo que, confundido com um insulto, esse apelido levasse o cano da metralhadora a um palmo da cara do filho.

«O meu nome de família é Preto. Cosme Silva Preto», disse ele, com pressa e de mãos ao alto. «O meu filho chama-se Paulo Geraldês Silva Preto.»

Os mosquitos do lusco-fusco farejavam o desamparo de Cosme. Chupavam-lhe o sangue nos tornozelos e no pescoço. Faltava uma lâmpada elétrica para conter a noite, e, na penumbra, aqueles homens esfarrapados perdiam a última réstia de cerimónia militar.

Uma voz acusou:

«Imperialista filho da puta.»

«Ladrão de merda», disse outro, cuspidando perdigotos e um bafo a cáries.

«Volta na puta que te pariu no Puto», ameaçou o líder, atrás da mira da metralhadora.

Naquele tribunal sumário, de nada lhe valeria jurar que nunca roubara ninguém, que tudo o que tinha se devia ao trabalho, que nascera em Luanda, havia vinte e cinco anos, e que nem a mãe era puta nem estava no Puto.

Aqueles homens armados não queriam justiça, reparação, um pedido de desculpas. Exigiam o mais primário dos medos extorquido pelo mais primário dos poderes. O medo do escravo e o poder do capataz. O medo da puta e o poder do chulo. O medo do condenado e o poder do carrasco. A sentença estava pintada nas paredes da cidade:

Morte aos brancos.

Cosme queria viver.

«Fiquem com o meu relógio», disse, desapertando a pulseira. Tirou os sapatos, as meias, as calças e a camisa. «É tudo vosso.»

Claque-claque, o ferrolho da metralhadora puxado atrás, a bala a entrar na câmara.

Na guerra, tudo é imprevisível.

A única saída é o caos.

Cosme levantou o braço e largou uma estrepitosa galheta na cara de Paulinho. «Nunca mais voltas a faltar ao respeito a estes senhores.» Outra bofetada, com as costas da mão. «Pede já desculpa.»

Paulinho vergou-se diante dos soldados:

«Desculpa, patrão.»

Da guerra, até se pode sair vivo, jamais inocente.

O império do fim

«Da guerra, até se pode sair vivo, jamais inocente.»

Cosme é um velho desmemoriado, à deriva no tempo: o filho de colonos em Luanda, o alferes debaixo de fogo nas Terras do Fim do Mundo, o retornado na Lisboa revolucionária.

Mouzinho, antigo guerrilheiro angolano, julga-se um homem resolvido, coleciona citações e ensina aos mais novos que a guerra colonial também foi de libertação.

Cosme é branco. Mouzinho, negro.

Em tempos amigos de infância e adolescentes apaixonados pela mesma mulher, vivem em lados opostos de uma mesma violência: o colonialismo, a guerra, a descolonização. Uma saga que reconfigurou vidas, famílias e sonhos; o fim de um império que, sendo ferida, ainda não é cicatriz.

Depois de *Revolução*, obra vencedora do Prémio Fernando Namora, Hugo Gonçalves traz-nos um romance notável sobre a vida colonial e o seu colapso, desmistificando o passado, na tentativa de questionar o presente.



«Atos heroicos, paradas com estandartes e tambores? Tudo mentira. A guerra não enobrece ninguém, só nos rebaixa e desonra. Vi um turra a abraçar outro, ferido, querendo salvar-lhe a vida. Tinham as mesmíssimas expressões que vejo nos rapazes ao meu lado, quando um de nós demora a morrer. E como demora. O vivo mente-lhe, conforta-o, e o ferido recua no tempo, cada vez mais jovem, até que um menino nos morre nos braços.»



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt



companhiadasletrasportugal

ISBN: 978-989-589-446-8



9

789895894468